



LIXO MARINHO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE CANANEIA, LITORAL SUL DE SÃO PAULO

Relato de Experiência

Daiana Proença Bezerra¹

Valéria Ghislotti Iared²

Resumo

Desenvolvemos esse trabalho a partir dos princípios da pesquisa-ação-participante (PAP), conjuntamente com as abordagens da Educação Ambiental crítica, que procura auxiliar na formação de pessoas capazes de compreenderem e interferirem em situações de desequilíbrio social e ambiental. O lixo marinho foi utilizado com tema gerador para a construção do diagnóstico participativo, visto que esse tema faz parte da realidade dos participantes do litoral Sul do estado de São Paulo. Todos os grupos se mostraram preocupados com a problemática, desenvolvendo senso crítico e dispostos a realizarem ações mitigadoras.

Palavras-chave: Educação Ambiental Comunitária, Educação Ambiental Não Formal, Pesquisa-Ação-Participante, Lixo Marinho.

INTRODUÇÃO

A pesquisa-ação-participante (PAP) tem como objetivo construir conhecimento baseado na participação em todo o processo. Essa metodologia proporciona reflexão e compreensão da realidade socioambiental, visando contribuir com a transformação dos participantes e o incentivo à tomada de decisões (OLIVEIRA, 2012). Infelizmente o comum são sujeitos transparentes, sem voz ou impossibilitado de construir ou planejar ações, sendo incluídos apenas na execução. Esse caminho não traz pertencimento e dificulta, ou até impede, o desenvolvimento de ações, por mais relevantes que sejam (TOZONI-REIS, 2005). A Educação Ambiental crítica está entre as bases dos processos participativos, visto que a cada dia convivemos com mais impactos e, assim, atividades que despertem o senso crítico e participação dos envolvidos são essenciais como instrumento para mudanças (LOUREIRO, 2005). O conceito de Paulo Freire (2009) sobre temas geradores também pode ser associado à essa metodologia, uma vez que o envolvimento entre as/os participantes com as questões ambientais regionais é importante para possibilitar o empoderamento. Assim, em um espaço de

¹ Instituto de Pesquisas Cananéia – IPeC, Cananéia, SP, daiana.proencabezerra@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Biodiversidade, UFPR, Palotina, PR, valiaired@gmail.com

Educação Ambiental não formal trabalhamos os conceitos da PAP com grupos de adultos, e utilizamos o lixo marinho como tema gerador.

METODOLOGIA

O Município de Cananéia se encontra no extremo sul do litoral do Estado de São Paulo. Assim, com o objetivo de compor um universo de atores com diferentes tipos de relações com o ambiente marinho, convidamos seis grupos para construção do diagnóstico socioambiental. Seguem os grupos e o número de participantes: Professores da Rede Municipal (5), Cooperativa de Catadores de Resíduos Sólidos de Cananéia (3), Colônia de Pescadores Z-9 (2), Associação dos Moradores do Pereirinha/Itacuruçá (10), Comunidade da Enseada da Baleia (9) e Departamento de Meio Ambiente (2). Entre abril e dezembro de 2015, foram realizados encontros, cujas discussões e reflexões se deram por meio de entrevistas, vídeos e palestras.

A quantidade de encontros variou de um a seis com cada grupo e a duração média foi de duas horas. Um último encontro foi realizado, com pelo menos um representante de cada grupo, a fim de proporcionar a integração entre os participantes e devolutiva da pesquisa. Ressaltamos a importância de deixar claro os objetivos da pesquisa para não gerar falsas expectativas entre os participantes (BRACAGIOLI, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sucesso de uma atividade de Educação Ambiental crítica não é chegar aos objetivos iniciais, mas realizar um processo participativo, em que tenha ocorrido aprendizagem de maneira emancipatória e transformadora, com ligações entre ações individuais e coletivas (LOGAREZZI, 2006; LOUREIRO, 2007).

Observamos que o desenvolvimento da pesquisa foi importante para os grupos, visto que se mostraram integrados com o trabalho, ao se apropriarem da temática e serem críticos em suas reflexões. Ressaltamos que os grupos tiveram visão crítica sobre a responsabilidade compartilhada, não acusando apenas falhas ao poder público. Alguns grupos já haviam realizado atividades como limpezas de praias, no entanto, nada foi anotado, indicando a importância de registrar ações, seja por meio de relatórios ou fotografias. Todos os grupos ressaltaram que ainda não haviam observado como esses impactos estão tão próximos a eles, e o quanto a percepção do lixo no ambiente marinho era superficial e indireta. Uma vez que, a presença do lixo marinho na região tem impacto negativo sobre a biodiversidade, atividade turística e recursos pesqueiros, que são as principais fontes de renda da

população, há necessidade de ver essa problemática com outros olhos. A preocupação com as novas gerações foi assunto recorrente, assim como necessidade de se desenvolver ações que não dependam de grandes obras públicas, mas de atitudes individuais e coletivas. Finalmente, alguns grupos já propuseram atividades e iniciaram o desenvolvimento de ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que as/os participantes se perceberam como indivíduos, reconhecendo ações que podem desenvolver-lhes como cidadãos; como grupo, capaz de potencializar atividades e planejar ações, e, ainda, atuar em parceria com outros grupos na busca de objetivos maiores. Acreditamos que a construção do conhecimento aconteceu de forma positiva, e esperamos que as reflexões tenham auxiliado na ampliação da percepção ambiental e inspirem a realização de novas ações.

REFERÊNCIAS

BRACAGIOLI, Alberto. **Metodologias participativas. Encontros e Caminhos 2. Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores.** Luiz Antônio Ferreira Júnior (Org.) – Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental. p. 227 – 242. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** REIMP. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LOGAREZZI, Amadeu. **Educação Ambiental em resíduo: o foco da abordagem.** In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo. São Carlos: EdUFSCar, p.119-144. 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Teoria Crítica. Encontros e Caminhos 1. Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores.** Luiz Antônio Ferreira Júnior (Org.) – Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental. p. 323-332. 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Emancipação. Encontros e Caminhos 2. Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores.** Luiz Antônio Ferreira Júnior (Org.) – Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental. p. 157-170. 2007.

OLIVEIRA, Haydée Torres. **Por que abordagens participativas transdisciplinares na práxis da Educação Ambiental?** In.: Educação Ambiental – Momentos de Reflexão. Carlos Eduardo Matheus e América Jacinta de Moraes (Org.) – São Carlos: Rima. p.181-184. 2012.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Pesquisa-ação. Encontros e Caminhos 1. Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores.** Luiz Antônio Ferreira Júnior (Org.) – Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental. p.267-276. 2005.